

MIRAGENS

Tratem-me por Ismael. Há alguns anos — não interessa quando — achando-me com pouco ou nenhum dinheiro na carteira, e sem qualquer interesse particular que me prendesse à terra firme, apeteceu-me voltar a navegar e tornar a ver o mundo das águas. É uma maneira que eu tenho de afugentar o tédio e de normalizar a circulação. Sempre que sinto um sabor a fel na boca; sempre que a minha alma se transforma num Novembro brumoso e húmido; sempre que dou por mim a parar diante de agências funerárias e a marchar na esteira dos funerais que cruzam o meu caminho; e, principalmente, quando a neurastenia se apodera de mim de tal modo que preciso de todo o meu bom senso para não começar a arrancar os chapéus de todos os transeuntes que encontro na rua — percebo então que cheguei a altura de voltar para o mar, tão cedo quanto possível. É uma forma de fugir ao suicídio. Onde, com um gesto filosófico, Catão se lança sobre a espada, eu, tranquilamente, meto-me a bordo. E não há nisto nada de extraordinário. Embora inconscientemente, quase todos os homens sentem, numa altura ou noutra da vida, a mesma atracção pelo oceano.

Vejam agora o que sucede com a vossa Manhattan, rodeada de docas como uma ilha do Índico cercada pela restinga de coral — o comércio envolve-a com a sua alta ressaca. À direita e à esquerda as ruas conduzem ao litoral. No extremo limite da cidade baixa encontra-se a Bateria, cujos nobres contrafortes são lavados pelas vagas e refrescados por brisas que poucas horas antes ainda sopravam no alto mar. Observem a multidão que ali se junta para contemplar as águas.

Dêem uma volta pela cidade numa sonolenta tarde de domingo. Vão de Corlears Hook para Coenties Slip, e daí, pelo Whitehall, dirijam-se para o Norte. Que encontram? Postados como sentinelas em toda a periferia da cidade, milhares e milhares de mortais contemplam, hipnoti-

zados, o oceano. Uns apoiam-se às estacas; outros sentam-se na beira dos molhes; outros namoram o arcaboço dos navios que vêm da China; alguns sobem até ao topo dos mastros para desfrutar uma perspectiva marinha ainda mais ampla. É todavia gente ligada à terra, gente que passa os dias da semana entre quatro paredes de cal e gesso — amarrada aos escritórios, colada aos bancos, debruçada sobre as escrivaninhas. Então porque se encontra aqui? Já não existem os belos prados verdes? Que força os arrasta para este lugar?

Mas vejam! Aí vem mais gente, encaminhando-se directamente para a água, como se fosse mergulhar. Que coisa bizarra! Nada os satisfaz senão o limiar extremo da terra; não lhes basta passear à sombra dos armazéns espalhados pelas redondezas. Não! Têm de se aproximar da água, tanto quanto possível, quase a caírem nela. E ali permanecem — quilómetros de basbaques, léguas... Homens da terra, todos eles, desaguam de becos e azinhagas, de ruas e avenidas, do Norte, do Leste, do Sul e do Oeste. E, contudo, formam um conjunto homogéneo. Será que são atraídos pelas agulhas magnéticas das bússolas de todos aqueles navios?

Continuem a olhar... Imaginem-se agora no interior, numa região lacustre. Escolham qualquer caminho, ao acaso — nove vezes em cada dez ele conduz a um vale e deixa o viandante junto de uma lagoa cavada na corrente. Há magia, neste facto! Que o mais distraído dos homens se lance nas reflexões mais abstractas — se esse homem começar a andar é mais do que certo que os seus passos o levarão infalivelmente para junto da água, se água existir na região. Se alguma vez o leitor se encontrar a sofrer de sede, no grande deserto americano, tente a experiência, na hipótese de viajar na caravana um professor de metafísica. Sim, porque toda a gente sabe que a meditação e a água se encontram indissoluvelmente ligadas.

Observem agora um artista. O pintor deseja pintar a paisagem mais romântica, mais sonhadora, mais suavemente velada — o torrão mais encantador que se encontra em todo o vale do Saco. Qual é o principal elemento do seu quadro? Lá estão as grandes árvores com os rotundos troncos capazes de abrigar um eremita com o seu crucifixo; e o prado adormecido onde preguiça o gado; da vivenda, alcandorada à distância, escapa-se um lânguido fio de fumaça. No bosque distante serpenteia um caminho que se dirige para a crista da montanha, através dos contrafortes lavados por uma luz azulada. Mas, embora o quadro seja muito belo e os pinheiros deixem cair as suas folhas, ligeiras como suspiros, sobre a cabeça do pastor, todo este encanto seria fútil se o olhar

Moby Dick

31

do zagal se não iluminasse com o reflexo do ribeirinho que lhe serve de espelho.

Visitem as pradarias durante o mês de Junho, quando por infindáveis quilómetros uma pessoa se afunda num mar de lírios. Que falta aí para uma criatura se sentir plenamente satisfeita? A água! Não existe uma só gota em toda a redondeza... Se o Niagara fosse uma catarata de areia continuaria a haver quem fizesse uma viagem de milhares de quilómetros para ir vê-la? Por que motivo o pobre poeta do Tennessee, ao receber inesperadamente um punhado de moedas de prata, hesitou entre comprar a capa (de que estava bem precisado) e ir dar um passeio até Rockaway Beach? Porque será que quase todo o jovem robusto de corpo e espírito sente, uma vez por outra, um desejo louco de embarcar? Porque será que, ao efectuar a primeira viagem, o passageiro sente uma singular vibração quando descobre que a terra se perdeu para além do horizonte? Por que razão os antigos persas consideravam o mar como sagrado? Por que razão os gregos lhe atribuíam como divindade o próprio irmão de Júpiter? Por certo tudo isto tem o seu sentido. E, um sentido muito profundo, se nos recordarmos da história de Narciso que, desesperado pela suave e fugidia imagem que se reflectia nas águas, nelas se afogou. Essa miragem, vemo-la em todos os rios e oceanos do mundo. É a imagem do fantasma inacessível da vida, onde se acha a chave de todo o enigma.

Mas se eu digo que tenho o hábito de embarcar quando começo a ver tudo turvo e a sentir o ar pesado nos pulmões, não quero que pensem que embarco como passageiro. Para viajar como passageiro é necessário possuir-se uma carteira, e uma carteira não passa de um pedaço de cabedal se não houver qualquer coisa lá dentro. Demais, os passageiros enjoam, irritam-se, sofrem de insónias, e de uma forma geral não se divertem muito. Não, nunca viajo como passageiro, e embora seja um razoável marinheiro, tão-pouco jamais embarquei como comodoro, capitão ou cozinheiro. Abandono a glória e a distinção desses altos cargos àqueles que se pavoneiam com os festões da vaidade. Pelo que me toca abomino todas as altas funções, e as maçadas que uma pessoa sofre quando sai do anonimato. Já basta ter de olhar por mim; não me faltava mais nada, se ainda por cima tivesse de tomar conta de navios, barcas, briques, escunas, e sei lá que mais! Quanto a embarcar como cozinheiro — embora reconheça que se colhe considerável glória na profissão, visto que a bordo o cozinheiro é uma espécie de oficial — a verdade é que não me consigo ver a preparar uma ave; embora, uma vez cozinhada, judiciosamente untada e jurisprudencialmente tempe-

rada, não haja ninguém capaz de falar da dita ave com mais respeito e reverência do que eu. É de resto devido a uma idolatria culinária dos antigos egípcios que hoje se encontram as múmias das íbis e dos hipopótamos nos enormes fornos de cozer que são as pirâmides.

Portanto, quando vou para o mar é como simples marinheiro, como um dos que viajam soldados ao castelo da proa ou empoleirados na gávea do mastro grande. É certo que me fazem saltar de mastro em mastro como um gafanhoto num prado em manhã de Maio. E, no princípio, estas coisas são algo desagradáveis, sobretudo quando se descende de uma honrada e antiga família do país, os Van Rensselaers, os Randolphs ou os Hardicanutos. E ainda mais, se antes de mergulhar a mão na lata do peiz, uma pessoa foi um mestre-escola altamente temido por uma alcateia de meninos. É uma transição bastante dura, afirmo-lhes, passar de professor para marinheiro, e é indispensável uma forte infusão de Séneca e dos estóicos para engolir de boa cara uma coisa dessas. Mas até a isso nos habituamos com o tempo.

Que mal me pode fazer, se um velho estafermo de um capitão me ordena que pegue numa escova e esfregue as cobertas? Que pode pesar uma tal indignidade na balança do Juízo Final? Pensam que o arcanjo Gabriel terá por mim menor consideração pelo facto de eu obedecer pronta e respeitosamente ao velho chimpanzé? Quem não é um escravo? Respondam, se são capazes! Portanto, bem podem os velhos lobos-do-mar dar-me ordens ou safanões, que sempre me resta a consolação de saber que isso nada tem de extraordinário, que toda a gente de uma forma ou de outra passa pelo mesmo — física ou metafisicamente — e assim o universal pontapé no rabo corre a roda e todos os homens aquecem os lombos uns dos outros — e fico satisfeito.

Demais, embarco sempre como marinheiro porque isso me vale uma remuneração, enquanto nunca me constou que pagassem a qualquer passageiro um centavo que fosse. Pelo contrário, são os passageiros que pagam. E entre pagar e ser pago vai uma grande diferença. O acto de pagar foi talvez a pior de todas as maldições que os nossos antepassados, ladrões de maçãs, nos transmitiram. Mas ser *pagos* — que outra delícia se lhe pode comparar? A suave precipitação com que o homem recebe o dinheiro é realmente maravilhosa, se nos lembrarmos que o dinheiro é considerado pelo homem como a essência de todos os males e que um homem endinheirado não tem ingresso no céu. Ah! mas como nos lançamos de tão boa vontade no caminho da perdição!

Finalmente, embarco sempre como marinheiro, para gozar o trabalho são e o ar puro que se respira na coberta da proa, pois neste mun-

Moby Dick

33

do são mais frequentes os ventos da proa que os ventos de popa (se nunca violarmos a máxima pitagórica), o que faz que o comodoro, a meia-nau, respire uma atmosfera em segunda mão, devolvida pela marujada do castelo de vante. Embora ele pense que está a respirar ar puro, engana-se redondamente. Do mesmo modo os condutores de povos são conduzidos por estes, quando menos se apercebem do facto. Mas, por que motivo havia eu, depois de ter respirado várias vezes o aroma do mar, como marinheiro mercante, de me meter na aventura de embarcar num baleeiro? A isto, melhor do que ninguém, pode responder o invisível regulador do destino, que cuida de mim e me influencia de certo modo misterioso. E, sem dúvida, a minha partida num navio baleeiro fazia parte do grande programa da Providência, há muito tempo regulado. Entra como uma espécie de breve interlúdio entre dois números de fundo. Creio que a coisa se deve encontrar no cartaz, mais ou menos assim:

Grande e disputada eleição para a Presidência dos Estados Unidos

VIAGEM DE UM TAL ISMAEL PARA A PESCA
DA BALEIA
BATALHA SANGRENTA NO AFGANISTÃO

Não consigo porém compreender o motivo que levou os Fados, esses empresários do destino, a designarem-me para este triste papel numa viagem à pesca da baleia, quando a outros distribuíram excelentes papéis em eloquentes tragédias ou pequenas e fáceis criações em jocosas farsas. Entretanto, agora, revendo todas as circunstâncias, parece-me compreender vagamente os motivos e os fins dissimulados que me destinaram um tal papel, fazendo-me crer que eu o escolhi de meu livre arbítrio.

Um dos primeiros motivos foi a prodigiosa imagem da própria baleia. Esse monstro, tão portentoso e enigmático, despertava a minha curiosidade. Depois havia os mares distantes e bravios onde o seu bojo enorme flutuava e os perigos constantes da sua presença. Isso, somado aos encantos de mil sons e suspiros patagónicos, contribuiu para formar dentro de mim um desejo. Com outros homens, talvez não surtisse o mesmo efeito, mas eu sinto-me sempre irremediavelmente atraído por aquilo que é remoto e misterioso. Adoro navegar em mares perigosos e desembarcar em litorais hostis e bárbaros. Sem ignorar o que é bom, apercebo-me depressa do horror das coisas e adapto-me a